Políticas públicas

SANIDADE VEGETAL E A IMPORTÂNCIA DO VAZIO SANITÁRIO

Guilherme Luiz Guimarães[1] Luis Carlos Ribeiro[2] Fábio Kagi[3]

A CULTURA da soja tem importância estratégica não apenas para o agronegócio, mas para o desenvolvimento econômico brasileiro. O País é o segundo maior produtor mundial desta cultura e o segundo maior exportador de grão, óleo e farelo. E, já em 2014, a soja deve se tornar o primeiro produto agropecuário brasileiro a alcançar um Valor Bruto da Produção (VBP) de R$ 100 bilhões.

Com esse expressivo desempenho, a cadeia produtiva da soja gera significativos impactos socioeconômicos: reúne cerca de 245 mil sojicultores e um mercado de trabalho de 1,4 milhão de empregos, segundo dados da Aprosoja (Associação dos Produtores de Soja e Milho do Brasil). Não se pode, portanto, ignorar sua relevância para a economia do País.

Por outro lado, a competitividade da soja no mercado nacional e internacional e, paralelamente, o cenário desfavorável à cultura do milho servem, ao mesmo tempo, como estímulo ao plantio daquela cultura e como fator gerador de preocupação. Isso porque, sob o aspecto fitossanitário, a introdução de cultivares mais precoces de soja criou condições favoráveis ao plantio da mesma também na "safrinha", uma vantagem que acabou acendendo o sinal de alerta em relação à falta de adoção do vazio sanitário.

A preocupação nasce do fato de que, nos países sob clima tropical, há maior incidência de pragas e doenças nas lavouras do que nos países temperados e frios, o que exige muito maior rigor na adoção de técnicas, manejos adequados e uso de tecnologias de acordo com as recomendações da Pesquisa.

Um exemplo prático é a ferrugem asiática. O Brasil é um dos países onde a doença causa mais impactos no sistema produtivo da soja: pode diminuir em até 90% a produtividade de uma lavoura. O custo da ferrugem asiática da soja por aqui, desde as primeiras epidemias severas, em 2002, até a safra de 2011/12, foi estimado em aproximadamente US$ 19 bilhões, incluindo as perdas em produção, arrecadação e o custo com o controle desta doença, de acordo com dados do Consórcio Antiferrugem.

Considerando a agressividade e a capacidade de adaptação do agente causador da ferrugem asiática da soja, há uma clara necessidade de discussão de políticas públicas de defesa sanitária vegetal. E é com base nesse cenário que a Associação Nacional de Defesa Vegetal (Andef), entidade que congrega as indústrias que atuam em pesquisa e desenvolvimento de defensivos agrícolas no País, manifesta sua preocupação quanto à necessidade de reforçar a adoção de medidas mais eficazes de manutenção da sanidade vegetal, especialmente na cultura da soja.

Entre as medidas de ação e recomendações, em consonância com as indicações da pesquisa em Ciências Agronômicas, os preceitos da extensão rural e das boas práticas agrícolas, destacam-se alguns pontos importantes: a ampliação do período de vazio sanitário, com maiores incentivos a medidas de prevenção de infestações, como o manejo da soja voluntário em campos de produção, estradas e carreadores, e a ampliação dos recursos para a fiscalização; o planejamento de safra, com uma ampla rediscussão dos zoneamentos agrícolas e uso de defensivos agrícolas com modos distintos de ação; a recuperação e o incentivo à adoção do Manejo Integrado de Pragas (MIP); maior agilidade governamental na análise de pleitos de registro e extensões de uso de produtos registrados para outras culturas, especialmente de produtos contendo novos ingredientes ativos, para evitar o surgimento de focos de resistência a campo e para preservar as alternativas atualmente viáveis; e a rotação de culturas, técnica consagrada e imprescindível para garantir a sustentabilidade agronômica da sojicultora.

Dada a importância da cultura da soja no agronegócio e na balança comercial brasileira, fica claro que tais medidas devem ser encaradas como medidas de segurança nacional, justificando esforços de todos os envolvidos na cadeia de produção.

As indústrias representadas pela Andef continuarão sua tarefa de oferecer tecnologias que auxiliem o agricultor – o grande responsável pela sustentabilidade econômica que o agronegócio tem possibilitado ao País – no desafio de produzir alimentos e suprir as demandas crescentes à produção agrícola. ■

1 Engenheiro agrônomo e gerente de Regulamentação Federal da Associação Nacional de Defesa Vegetal (Andef)
2 Engenheiro agrônomo e gerente de Regulamentação Estadual da Associação Nacional de Defesa Vegetal (Andef)
3 Engenheiro agrônomo e gerente de Educação da Associação Nacional de Defesa Vegetal (Andef)